

Meu caro Milton, de volta de viagem napolitana encontro tua carta de 26/1, em resposta a meu bilhete de 19. Mas não contém referência a minha longa carta de 9, na qual discuti a diferença entre a análise husserliana e ortegiana do Dasein. Você a recebeu? Neste mesmo correio recebi também recorte da minha resposta ao Kujavsky sobre o Vicente, que foi publicada no Jornal da Tarde em novembro. Por favor, agradeça a ele no meu nome. Antes de entrar no que dizes, duas coisas: (1) A Edith vem a SP. dia 17/2 para três semanas visitar sua mãe e os filhos, e certamente você poderá discutir com ela suas impressões sobre "Elogio", se você o leu até lá. (2) Estou começando a ser "reconhecido", muito tarde para que isto tenha influência sobre a nossa vida, mas suficientemente cedo para me dar conta da vaidade disto, (TV italiana, jornais e coisas semelhantes). Experiência muito ambígua esta.

A viagem italiana foi extraordinariamente bela, (Lucca, Arezzo, Orvieto, Roma, (aonde vi tijolos sem cimento de mais de dois mil anos), Terracina, Gaeta, Napoli, Paestum, Amalfi, Montecassino, Siena, Cinque Terre), e, como sempre, enchemos os olhos e os corações com aventuras. Mas o que me tocou desta vez foi a passagem por Gaeta entre Terracina e Napoli. Ao passarmos de Lazio para a Campania, (da latinidade para Megale Hellas), senti o choque de abandonar o Ocidente, e penetrar algo que já não mais é Europa no atual sentido, mas é Europa em sentido diferente. Napoli, em sua decadência e pobreza, em sua mistura do grego, latino, bizantino, normando, árabe, angevino, espanhol e francês, com seu trânsito caótico, sua corrupção e corrupção, com seus 40 teatros, 30 jornais, dezenas de galerias de vanguarda, com seu ar de morte em beleza, com sua magia alquimista, lembra, simultaneamente, Praga e Rio de Janeiro. Ou melhor: Praga mediterrânea, ou Rio com história e cultura. Infelizmente, somos velhos demais para morar em tal bagunça, mas provavelmente é a cidade dos meus sonhos. E Edith ficou muito comovida. Conhecemos dezenas de pessoas, (artistas, filósofos, arquitetos, jornalistas da RAI e do Messaggero), e todos nos recebiam de braços abertos. Um grito saía da boca da cidade: ouça-me, eu também existo, e também sou Europa.

Agora quanto a sua carta: Você sairá da USP dia 17/2, um grande marco na vida. E você poder adizer-te que a USP seria outra coisa se você não tivesse nela colaborado. Um dia, quando todos seremos mortos, será você o lembrado, e não os Lévi-Strausses e Bastides que por lá passaram como cometas. E aí talvez alguém fará um paper sobre o fenômeno Vargas, impossível em outro lugar, um paper acadêmico e cheio de malentendidos, e talvez a avenida da Cidade Universitária será chamada avenida Milton Vargas. Ainda não consegui digerir plenamente a contradição entre o efêmero da vida e a tal "fama". E com tudo isto você se recusa a aceitar a redução eidética ao absurdo? Ou para falarmos judeo-cristamente: que somos pó e para pó voltaremos?

Isto me leva a tua crítica, (apressada creio), da França e do Brasil, (o país dos gênios, e o dos que não admitem genialidade). Discordo. O país dos gênios e o Brasil: não apenas todo mundo é gênio, mas é a tal ponto genial que basta de palpite, e tudo dará certo, (porque Deus é brasileiro), e ninguém precisa dar duro. Na França, pelo contrário, a qual é o umbigo do mundo, todas as ideias nascem graças a trabalho em filigrana, para ser depois roubado pelos americanos bárbaros, os ingleses hipócritas, e os alemães obscurantistas, (porque a França é a mãe da cultura). A estupidéz dos franceses e ignorarem a geografia.